

JEAN BODIN

TÍTULO ORIGINAL*

LES SIX LIVRES DE LA
RÉPUBLIQUE

* Tradução de *Les Six Livres de la République*, de Jean Bodin (1530-1596). Tratado publicado originalmente em seis volumes em Paris por Jacques Du Puits em 1576. Traduzido para o latim pelo próprio autor em 1586 com o título de *De Republica Libri Sex*. Reeditado em seis volumes, com a ortografia original, no “Corpus des œuvres de philosophie en langue française”, coleção sob a direção de Michel Serres publicada pela Editora Fayard, Paris, 1986.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bodin, Jean, 1530-1596.

Os seis livros da República : livro quinto /
Jean Bodin ; tradução e revisão técnica José
Ignacio Coelho Mendes Neto. -- 1. ed. -- São Paulo :
Ícone, 2012. -- (Coleção fundamentos do direito)

Título original: Les six livres de la
République : livre cinquième.
ISBN 978-85-274-1135-6

1. Ciências políticas - Obras anteriores a 1800
2. O Estado 3. Soberania I. Título. II. Série.

10-06957

CDD-320.15

Índices para catálogo sistemático:

1. República : Ciências políticas 320.15

JEAN BODIN

OS SEIS LIVROS DA
REPÚBLICA

LIVRO QUINTO

TÍTULO ORIGINAL

LES SIX LIVRES DE LA RÉPUBLIQUE – LIVRE CINQUIÈME

TRADUÇÃO E REVISÃO TÉCNICA

JOSÉ IGNACIO COELHO MENDES NETO



COLEÇÃO FUNDAMENTOS DO DIREITO

**icone**
editora

The logo for Icone editora features a stylized, bold letter 'I' that forms the left side of the word 'icone', which is written in a serif font. Below 'icone' is the word 'editora' in a smaller, lowercase serif font.

1ª EDIÇÃO

BRASIL – 2012

© Copyright da tradução – 2012
Ícone Editora Ltda.

COLEÇÃO FUNDAMENTOS DO DIREITO

Conselho Editorial

Cláudio Gastão Junqueira de Castro
Diamantino Fernandes Trindade
Dorival Bonora Jr.
José Luiz Del Roio
Marcio Pugliesi
Marcos Del Roio
Neusa Dal Ri
Tereza Isenburg
Ursulino dos Santos Isidoro
Vinícius Cavalari

Título Original

Les Six Livres de la République – Livre Cinquième

Tradução e Revisão Técnica

José Ignacio Coelho Mendes Neto

Revisão do Português

Saulo C. Rêgo Barros
Juliana Biggi

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Richard Veiga

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor. (Lei nº 9.610/98)

Todos os direitos de tradução reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

ÍNDICE

Capítulo I

Do regulamento que se deve manter para acomodar a forma de República à diversidade dos homens, e o meio de conhecer o natural dos povos, 11

Capítulo II

Os meios de remediar as mudanças das Repúblicas que ocorrem pela riqueza excessiva de uns e pobreza extrema dos outros, 51

Capítulo III

Se os bens dos condenados devem ser transferidos ao fisco ou à Igreja ou então deixados aos herdeiros, 71

Capítulo IV

Da recompensa e da pena, 81

Capítulo V

Se é bom armar e aguerrir os súditos, fortificar as cidades e incentivar a guerra, 103

Capítulo VI

Da segurança das alianças e tratados entre os Príncipes, 135



O QUINTO LIVRO DA
REPÚBLICA



CAPÍTULO I

DO REGULAMENTO QUE SE DEVE MANTER PARA ACOMODAR A FORMA DE REPÚBLICA À DIVERSIDADE DOS HOMENS, E O MEIO DE CONHECER O NATURAL DOS POVOS

Até aqui abordamos o que dizia respeito ao estado universal das Repúblicas. Falemos agora do que pode ser particular a algumas delas devido à diversidade dos povos, a fim de acomodar a forma da coisa pública à natureza dos lugares e as ordenanças humanas às leis naturais. Por não ter prestado atenção nisso, muitos se esforçaram para fazer com que a natureza servisse aos seus éditos, perturbando e frequentemente arruinando grandes estados. E aqueles que escreveram sobre a República não trataram essa questão. Porém, assim como vemos em todas as espécies de animais uma variedade bem grande e em cada espécie algumas diferenças notáveis devidas à diversidade das regiões, assim também podemos dizer que há quase tanta variedade no natural dos homens

quanto o número de países. Até no mesmo clima acontece que o povo oriental é muito diferente do ocidental, e na mesma latitude e distância do Equador o povo setentrional é diferente do meridional.

As cidades desiguais em montanhas e vales sujeitas à sedição

Além do mais, no mesmo clima, latitude e longitude, e sob o mesmo grau, percebe-se a diferença entre o lugar montanhoso e a planície, de modo que na mesma cidade a diversidade entre os lugares altos e os vales acarreta variedade de humores e também de costumes, o que faz com que as cidades sitas em lugares desiguais sejam mais sujeitas às sedições e mudanças que aquelas situadas em lugar de todo igual. Por isso a cidade de Roma, que tem sete montanhas, nunca esteve sem alguma sedição. Por não ter procurado a causa disso, Plutarco espanta-se que em Atenas havia três facções de humor diverso: os da cidade alta, que eram chamados Astu, pediam o estado popular, os da cidade baixa pediam o estado de oligarquia e os habitantes do porto do Pireu desejavam um estado aristocrático mesclado à nobreza e ao povo. Diremos logo mais a causa, que é natural. E se Teofrasto acha estranho que o povo da Grécia é tão diferente em costumes e modos de fazer, quem não se espantaria ao ver numa mesma cidade humores tão contrários? Não se pode imputar isso à mistura dos povos que muito tempo depois chegaram lá vindos de todas as partes, visto que Plutarco fala do tempo de Sólon, quando os atenienses eram tão pouco misturados que se tinha certeza que eles eram nascidos da terra ática, coisa da qual se orgulha o orador Aristides. Também vemos os suíços, povo originário da Suécia, muito diferentes em humores, natureza e governo, pois embora sejam aliados mais estreitamente que nenhum outro povo já foi, mesmo assim os cinco pequenos cantões das montanhas e os Grisões também são considerados mais orgulhosos e mais belicosos, e seu governo é inteiramente popular; os outros são mais sociáveis e se governam aristocraticamente, pois seu natural é mais inclinado à aristocracia que ao estado popular.

Para formar um estado é preciso acomodar-se ao natural dos súditos

É muito necessário levar em conta esse natural quando se quer mudar o estado, como aconteceu em Florença há cem anos, quando a República por decurso de tempo quase foi transformada em aristocracia, tendo sido acrescida dos cidadãos do segundo e terceiro cinturão de muralhas. O senado foi reunido para dar a ordem e, posto o assunto em deliberação, o senador Vespúcio demonstrou com vivas razões que o estado aristocrático era incomparavelmente mais seguro e muito melhor que o estado popular, e ofereceu o exemplo do estado de Veneza, florescente sob a senhoria de poucos gentis-homens. Mas Antônio Soderini defendeu o estado popular e ganhou, dizendo que o natural do veneziano era disposto à aristocracia e o dos florentinos ao estado popular. Diremos logo mais se seu fundamento é verdadeiro. Lemos também que os efésios, milésios e siracusanos eram quase do humor dos florentinos, pois não podiam suportar outro estado que não o popular, nem tolerar que um sequer dentre eles superasse o outro no que quer que fosse, chegando a banir aqueles que tinham mais virtude. Não obstante, os atenienses, efésios e milésios eram muito mais dóceis e mais sociáveis, por isso eram muito mais orientais. Ao contrário, os siracusanos, florentinos e cartagineses eram mais violentos e mais rebeldes, e portanto mais ocidentais. O povo oriental tem muita jactância e muitas palavras, na opinião de todos os antigos¹, e até do embaixador dos ródios, que desculpou o erro de seus senhores pela inclinação natural que tinham, alegando também os vícios naturais dos outros povos. O povo de Atenas, diz Plutarco, era colérico e misericordioso, comprazia-se com as bajulações e tolerava facilmente uma pilhéria; mas o povo de Cartago era cruel e vingativo, submisso perante os superiores e imperioso perante os súditos, covarde no desastre e insolente na vitória. O povo romano, ao contrário dos dois, era paciente na derrota, constante na vitória e moderado em suas paixões; rechaçava os bajuladores e apreciava os homens graves e severos, a tal ponto que, quando Catão o Velho pediu a censura ao povo, disse que era necessário um censor severo que ameaçasse castigar os vícios, e o povo preferiu eleger aquele que o ameaçava e era de extração um tanto

¹ Lívio liv. 45.

baixa em vez dos mais nobres e grandes senhores que o bajulavam². E fez o mesmo com L. Torquato, que foi eleito cônsul pelo povo sem saber; ao tomar conhecimento de sua eleição, ele declarou ao povo que era feito de tal modo que não poderia suportar os vícios do povo nem este seus comandos, e que se eles fossem sábios elegeriam um outro; não obstante, ele foi eleito imediatamente pelo povo.

Diferença notável dos atenienses, romanos e cartagineses

O que eu digo pode ser conhecido facilmente pela diferença dos discursadores atenienses e romanos, pois estes respeitavam a majestade do povo de modo bem diverso que os atenienses, que zombavam do povo com tal licenciosidade que um deles, tendo mandado reunir o povo para os negócios de Estado, depois de tê-lo feito esperar por muito tempo subiu na tribuna dos discursos com um chapéu de rosas e lhes disse que havia decidido festejar com seus amigos naquele dia, e então foi embora; o povo tomou isso como piada. Outra vez, Alcibíades, ao falar ao povo, soltou uma codorna que carregava junto ao peito, e o povo correu atrás dela e trouxe-lha. Se ele tivesse feito isso em Cartago diante do povo, diz Plutarco, teria sido lapidado. Os romanos não teriam deixado essa tolice impune, visto que um cidadão romano foi privado do direito de burguesia por ter bocejado alto demais diante de um censor, como diz Valério Máximo. Portanto, é preciso que o sábio governante de um povo conheça bem o seu humor e seu natural antes de tentar qualquer coisa na mudança do estado ou das leis. Pois um dos maiores e talvez o principal fundamento das Repúblicas é acomodar o estado ao natural dos cidadãos, e os éditos e ordenanças à natureza dos lugares, das pessoas e do tempo. Pois apesar do que diz Baldo, que a razão e a equidade natural não estão limitadas nem atadas aos lugares, cabe aí uma distinção, a saber, quando a razão é universal, e não quando a razão particular dos lugares e das pessoas recebe uma consideração particular.

² Plutarco, Catão o Censor.

O bom arquiteto acomoda seu edifício à matéria que encontra no lugar

Isso faz também com que se deva diversificar o estado da República de acordo com a diversidade do lugar, a exemplo do bom arquiteto, que acomoda seu edifício à matéria que encontra no lugar. Assim deve fazer o político sábio, que não pode escolher o povo tal como gostaria, como diz Isócrates no elogio de Busíris rei do Egito, que ele estima muito por ter sabido escolher bem o país e o povo mais apropriados que existem no mundo para reinar.

Portanto, falemos primeiramente do natural dos povos do Setentrão e do Meridião, depois dos povos do Oriente e do Ocidente, e da diferença entre os homens das montanhas e aqueles que permanecem na planície ou nos lugares pantanosos, ou batidos por ventos impetuosos. Depois falaremos também como a disciplina pode mudar o reto natural dos homens, rejeitando a opinião de Políbio e Galeno, que sustentaram que o país e a natureza dos lugares determinam necessariamente os costumes dos homens.

Divisão dos povos

Para melhor entender a variedade infinita que pode existir entre os povos do Setentrão e do Meridião, dividiremos todos os povos que habitam a Terra deste lado do Equador em três partes: a primeira será a dos trinta graus do Equador para cá, que atribuiremos às regiões ardentes e povos meridionais; e os trinta graus seguintes aos povos médios e regiões temperadas, até o sexagésimo grau em direção ao Polo; e daí até o Polo serão os trinta graus dos povos setentrionais e as regiões de frio excessivo. A mesma divisão poderá ser feita para os povos do outro lado do Equador, em direção ao Polo Antártico. Depois dividiremos os trinta graus dos lugares ardentes pela metade: os quinze primeiros mais moderados, entre o Equador e os trópicos, os outros quinze mais ardentes sob os trópicos. Pelo mesmo meio tomaremos os quinze graus seguintes da região temperada que se estendem até o 45° grau e são mais meridionais, e os quinze outros até o 60° grau, que são mais destemperados em frieza e puxam mais para o Setentrão. E os quinze seguintes até o 75° grau, onde há vários povos e Repúblicas, embora aí os homens sejam muito castigados pelo frio; mas quanto aos outros 15 graus até o Polo, não

devem ser levados em consideração porque não há ou então há muito poucos homens, que vivem como bestas selvagens nas cavernas, como os mercadores relataram e as histórias no-lo certificam³. Dei a razão dessas divisões num livro específico sobre o método das histórias, e não é necessário ir mais adiante.

Aristóteles e Hipócrates em acordo

Fixados esses pontos, será mais fácil julgar a natureza dos povos, pois não basta dizer que os povos do Setentrião têm a força, grandeza e beleza do corpo e pouco espírito, e ao contrário que os povos meridionais são fracos, pequenos, morenos e que têm maior vivacidade de espírito, visto que a experiência nos ensina que os povos que são muito setentrionais são pequenos, magros e curtidos pelo frio, o que até Hipócrates admite. É preciso conciliá-lo com os outros colocando esses limites que citei, e assim se compreenderá as palavras de Hipócrates sobre os povos que estão além do 70° grau em direção aos Polos. Faremos o mesmo julgamento do que Hipócrates escreveu, e depois dele Aristóteles, que os povos do Setentrião têm a cabeleira loira e solta; contudo, Galeno diz que eles têm os pelos vermelhos, o que se deve entender daqueles que estão situados em torno do 60° grau. De fato, há uma grande quantidade deles na Inglaterra, que os habitantes dizem ser descendentes dos dinamarqueses e suecos, notados por seus cabelos vermelhos, que ocuparam a Inglaterra.

Os povos do Setentrião têm os olhos verdes e o cabelo loiro

Mas desde a costa báltica até o 45° grau deste lado, os povos têm geralmente o cabelo loiro. E antigamente, quando os povos não eram tão misturados como são desde então, reconhecia-se o homem setentrional pelo cabelo loiro e os olhos verdes, tal como Plutarco, Tácito, Juvenal e de nossa memória o barão de Herbestein⁴ notaram. E como discorri no livro sobre o método das histórias, mostrei que Amyot intérprete de Plutarco sobre a vida de Mário verteu estas palavras ὀμμάτων χαροπότητα como olhos ruivos e castanhos, ao invés de olhos verdes como deveria ter vertido, o que

³ Olaus e Saxo Grammaticus.

⁴ Na História da Moscóvia.